

**“Suíte Rústica. Fraldeu em Espelhos”**, livro de poesia da autoria de Ricardo Lima, permite ao leitor experienciar a contemplação de um sujeito poético que ama o lugar e as gentes de um **lugar-mundo**. A sua poesia, repleta de sensações visuais e auditivas, faz recordar todos os que ama e que partilham os caminhos de um lugar que é Fraldeu, pequena aldeia de Miranda do Corvo. Fraldeu é o reencontro do sujeito poético consigo mesmo dentro do quarto, em frente da escrivaninha “severa” que o fita, como na sua infância na Escola (e cito o soneto da p.7, intitulado “Dedicatória”):

*“Longe de vós severa a escrivaninha  
**fita-me a face, examinadora.**  
Eu, como aluno em prova que se inclina,  
pena na mão frente ao papel absorto.*

*A mente o acompanhante ludibria,  
projecta no silêncio dessa hora  
um a um, uma a uma, amigo, amiga,  
de que pinta, sorrindo, a efigie pura.*

*Os meus **amigos**, cada um é esteio  
da minha vida, trazem-me nos braços.  
À vez, desço do colo, a el’s sustenho.*

*Sendo muitos não posso num **soneto**  
nomeá-los, os versos são escassos,  
a vida ímpar, o amor faceto.”*

Perante a janela e o postigo da porta que espreita os meninos que crescem (cf. o poema “Crescer”, p. 85), o sujeito poético transpõe, como Alice no país das maravilhas (que é o país da linguagem), os diversos outros lados dos espelhos para se reencontrar no tempo da memória: o tempo que se imobiliza em instantes tirados em fotografias e em palavras que são imagens de um lugar que se ama e se vive intensamente. São estes instantes de um tempo lento, calmo que é o tempo do campo, o tempo em Fraldeu:

*“[...]  
Resta solitário  
o mudo jardim  
onde me debruço  
no espelho às nuvens.”  
(poema “**NO ESPELHO ÀS NUVENS**”, p.91)*

O sujeito poético contempla-se nas imagens do que vê, vê-se em espelho na Natureza, nas coisas simples que, no dizer de Caeiro, fazem “mover os olhos”. Em Fraldeu, “vem a leda manhã a face erguendo” (poema “Maio”, p. 24) e “findo o

Inverno introspectivo, alheio” (poema “Maio”, p. 25), vemos a beleza da Natureza: as colinas, o pasto, os pássaros. Atentemos no poema “Instante” (p. 31):

*“Canta uma avezinha  
vejo-a da janela  
linda ladainha.  
**Minha alma é ela  
um espelho dela.”***

Ao contrário de Alberto Caeiro, pensar em Fraldeu é bom e sereno: **“Olha, em Fraldeu, pensar de mais é bom,/ ao fim da tarde, à noite ao serão”** (poema “Fraldeu”).

As fotos, cuidadosamente integradas neste livro, e as imagens descritas nos versos constituem uma sequência como num filme ou numa obra musical (o título “Suíte rústica” aponta também para uma forma musical permitindo recordar a composição homónima de Fernando Lopes Graça). São de facto referidos vários compositores musicais que permitem vivenciar o tempo e o espaço em Fraldeu e que fazem deste livro de poemas um objeto multimodal: “O concerto em Sol de Ravel flui/ no segundo andamento: placitude.” (verso do poema “Fraldeu”, p. 17). É o próprio sujeito poético que realça a necessidade de escrever poesia como Bach, Stravinsky (poema “Bach”, p. 77) e Mozart (p. 84). O que se ama em Fraldeu está gravado em palavras, em sons musicais e em fotografias, imagens de um sentimento de um “eu” que sente o tempo a passar, expressando por palavras a ternura que sente pelos amigos, familiares, pessoas, pássaros, Natureza, o cão Leão e a Farrusca, isto é, todos aqueles que habitam este lugar que é **o campo**, longe da cidade. Como diz uma das epígrafes deste livro, citando Cesário Verde, este cidadão que observava as gentes, o tempo e o modo de vida das classes sociais na cidade: “No campo; eu acho nele a musa que me anima: / A claridade, a robustez, a acção. (...)”.

O poeta de “Suíte Rústica” ama e reflete sobre a vida dos que emigram e que regressam, mais tarde, a Fraldeu e ama **os “fixos”** (poema “Em Fraldeu”, p. 16), aqueles que ficam:

*“O João diz-me do absurdo da vida  
se porventura pensa no seu tempo,  
este que nos é dado de viver.  
Talvez seja assim, João; em Fraldeu,  
não: um conjunto ordenado de  
células vitais, casas, Natureza,  
impõe regras, faz os pomares e campos;  
os fixos e também os emigrantes.  
Não há “pensar de mais”, penso que não.  
Olha, em Fraldeu, pensar de mais é bom,  
ao fim da tarde, à noite ao serão”  
(poema “Em Fraldeu”)*

O sujeito poético sente o passar do tempo, das horas em Fraldeu, a vida e o outro lado da vida que se pressente (poema “Fraldeu”, p. 17):

*“Ouvi e vi – súbita restolhada –  
a rosa, pesada, tombar por terra,  
as pétalas dispersas ainda rubras.  
O coração acelerou, pungiu  
como um aviso, um presságio breve.  
Um baque, só um leve baque ao  
cair da noite, no jardim. Duas pétalas  
restaram, ainda, presas ao cálice.”*

Em Fraldeu, o “jovem homem” do quiosque emigrou (p. 18), as notícias agora são sobre “ruínas de naufrágios, gritos, lutos.” (p. 18). Em Fraldeu, o poeta sente a alegria da visão do reencontro e da novidade: “Eina, o senhor emigrante hoje/ parece um astronauta/. A viseira /que agora usa com o cortador/ de erva, os suspensórios largos, próprios;/ a máquina empunhando, tal fusil/ de aventuras planetárias,/ dá à pobre aldeia um novo aspecto épico” (poema “Fraldeu”, p. 21) e, mais à frente, “Pra nosso espanto o astronauta pousa/o formidável fusil, pega na enxada,/cospe nas mãos e vai cavar batatas” (p. 21). Em “Fraldeu”, O “homem da PT por fim chegou” (p. 16), perturbando com “ninharias” a leitura do “Sandokan da juventude” (“Aquiles de turbante, Sandokan.”, p. 16) e a Tia Dulce (que “já não dança o sol-e-dó” (...) Mas ainda arranca penas/ às galinhas que degola”, p. 20) é presença constante com o cão Leão (cão que sonha “ossos em pilha”, p. 20), “o Leão, que é eterno” (p. 37) face à lenda do que acontece com os cães em Fraldeu. O cão Leão que “arrastando a sua velhice” (p. 49) demonstra ao sujeito poético a lição do que se aprende em Fraldeu: **“Que simples é viver! Isto me ocorre/ao ver o bom Leão da noite espessa/saindo bem disposto, que a atravessa/sempe ao relento, rústico mas nobre.”** (no poema “Bom dia”, p. 46).

Em Fraldeu, “Na asa de uns outeiros”, “Ao fim da tarde juntam-se no largo/ chalaceando sobre o tempo amargo/ anciãos rememorando, rindo, à toa./ Fim de Agosto, os emigrantes vão/ mas na vez deles toda a região/de anglos e holandeses se povoa.” (poema “Na asa de uns oiteiros, p. 61”). E o sujeito poético interroga no poema “Olvido” o que procuram os emigrantes: “Que vida se erguerá de ter fugido?/ Os que regressam, vindo, o que procuram?”, os que foram “refugiados noutra língua” (p. 44):

*“Ou fugirão de nunca terem sido  
senão refugiados noutra língua  
a sua dessangrando num sequestro?”*  
(p. 44)

Em Fraldeu, o poeta ouve a ave “a pipilar no bosque” e que se cala, deixando a

melancolia do que se deixa de ouvir e que é recordado apenas, lembrando que tudo é fugaz:

*“a doce paz em seu redor,  
melancolia,  
uma clareira tão fugaz  
quanto o pipilo que aqui me traz.”* (poema “Pipilo”, p.32)

Pipilo, corvo, andorinhas, gralhas, Rabirruivo, o melro, as cigarras que “troam”, o voo da águia, tudo é dado ver em Fraldeu:

*“Cigarras estralejam, andorinhas  
**cruzam as linhas de um crochê etéreo,**  
os povos recolhidos, p’las tardinhas  
um sol aguardam menos deletério.”*  
(poema “Coisas banais”, p. 69)

A ironia amarga perspectiva os incêndios (pp. 28-30) nos poemas “Amiga Manuela” (p. 28) e “Eucaliptos” (p. 68):

*“Depois podemos exportar serviços:  
incêndios e bombeiros, os enguiços  
quebrar, rumar por fim um firme Norte,  
à troika dar destino: que se exporte  
também, de cambulhada com as chamas,  
e os impostos, taxas e as derramas.”*  
(“Amiga Manuela”, p. 28)

*“Hoje, à envelhecida aldeia,  
perdoamos as searas de eucaliptos,  
não há remédio.”*  
(“Eucaliptos”, p. 68)

A aldeia de Fraldeu está “aninhada na asa de uns outeiros”(p. 61) e o sujeito poético reflete sobre o que vê:

*“Aninhada na asa de uns oiteiros  
a aldeia de Fraldeu meio oculta  
esconde um povo antigo que sepulta  
devagarinho sob as ruivas leiras.  
Os corvos ainda vêm ao restolho  
mas as ribeiras secam de eucaliptos.  
Casas e muros caem em escombros,*

*fazendas por cuidar dão rédea às silvas.”*  
(poema “Na asa de uns outeiros”, p.61)

Neste lugar do ser, onde ocorre a fenda do tempo que se transpõe para uma distância do visível, irrompe a poesia. Fraldeu é um lugar em espelho: lugar do mundo, da gente de Fraldeu, da tia Dulce e do cão Leão e lugar poético onde a “Noite transfigurada” **cai e o tempo vacila**. Atenemos nos seguintes poemas:

**“Perdida a inocência é no sonho/que meço este desterro tão medonho/entre o que sou e o que perdi no tempo” (“Noite transfigurada”, p. 63).**

**“Charco ao luar**  
estagnado  
buscando fenda  
por que se escoe.  
Sono agitado.”( p. 51)

Assim, em *Malmequer*, “O tempo passa/ amor não cessa” (p. 70) e “A dupla face da Beleza fita-nos” (poema “Fraldeu”, p. 17), “A dupla face do concerto espia-nos” (p. 17) e o poeta confessa-se “diviso”: “o desnudar dum canto que em mim mora,/o espanto – hoje o sei – que se me abria” (p. 17).

O sujeito poético anseia por alcançar toda a beleza que é dada ver: “Subir montanhas dá-nos mais visões” (p. 98 do poema “Subir Montanhas”) “que dê a conhecer da Natureza/os seus limites; alcançar Beleza/ que está em toda a parte e está em nada”. E em “Como apetecia” (p. 105), o sujeito poético anseia, deseja e espera: “Como apetecia/ a virginal origem./Como apetecia”. E no soneto “Pudesse eu” (o irreal do Pretérito Imperfeito do Conjuntivo demonstra o desejo impossível) revela esta comunhão com a Natureza: “Pudesse despejar eu na ribeira/os mal’s que a alma praz de conjurar” (p. 106).

Em “Caderno” (p. 108), o sujeito poético profere uma oração: “Agradeço, Senhor, a paciência/com que me ouves – o que a ninguém digo,/ aquilo que ficando só comigo/ tornava-se veneno, complacência./Agradeço, Senhor, tua leveza, /uma pluma caída com certeza/de ave que deriva muito alto; /**porque, Senhor, não sinto qualquer peso,/ pelo contrário noto-me ileso:/palavra a tomar corpo em papel alvo.**”

E no poema “Estrela polar” (p.111), o sujeito poético está sozinho na aldeia que dorme “sem rumo no enorme/ negrume do céu”:

“Às vezes, de noite,  
quando a aldeia dorme,

**a ave do sono**

solta as asas, vai,  
deixa-me sozinho  
desperto, insone,  
sem rumo no enorme  
negrume do céu.”

Perante as imagens de Fraldeu, o sujeito poético maravilha-se com o que se aprende nas coisas simples, tem os olhos despertos para este ver e sentir. A este propósito, cito o apelo de Miguel Torga:

*“Vou falar-lhes de um reino maravilhoso. Embora muitas pessoas digam que não, sempre houve e haverá reinos maravilhosos neste mundo. O que é preciso, para os ver, é que os olhos não percam a virgindade original diante da realidade e o coração, depois, não hesite.”* (Miguel Torga)

Tal como Miguel Torga falava do Reino Maravilhoso, assim, em Fraldeu, o poeta apresenta imagens de um lugar maravilhoso onde o Ser encontra a sua casa-mundo: Suíte Rústica onde a escrivainha, o caderno, os sons e as imagens do que vê da sua janela e fora dela confluem nos vários quadros em espelhos.

Carla Aurélia de Almeida

29 de julho de 2017